


## UM OLHAR DA CARTOGRAFIA SOCIAL SOBRE OS QUILOMBOS TITULADOS DE SERGIPE: REPRESENTANDO DINÂMICAS TERRITORIAIS, ANSEIOS E CULTURA LOCAL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-174>

Data de submissão: 14/01/2025

Data de publicação: 14/02/2025

### **Flavia Regina Sobral Feitosa**

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento

Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

E-mail: [flaviareginasf@gmail.com](mailto:flaviareginasf@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9366-8899>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1348596925096357>

### **Claudio Jorge Moura de Castilho**

Doutor em Geografia Ordenamento Territorial Urbanismo

Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle)

E-mail: [claudiocastilho44@gmail.com](mailto:claudiocastilho44@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3609-9914>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0107090882082784>

### **Roberto dos Santos Lacerda**

Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento

Universidade Federal de Sergipe/UFS

E-mail: [roberto.lacerda@academico.ufs.br](mailto:roberto.lacerda@academico.ufs.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1279-9767>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9107392052803216>

### **Edilma Nunes de Jesus**

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento

Universidade Federal de Sergipe/UFS

E-mail: [edilmanunes@hotmail.com](mailto:edilmanunes@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4201-1213>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8940190671703296>

### **Alessandra Santana Pereira**

Doutora em Educação

Universidade Federal de Sergipe/UFS

E-mail: [alessandra\\_san\\_per@hotmail.com](mailto:alessandra_san_per@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5128-9367>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6709256403494366>

### **Karla Fabiany Santana Passos**

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento

Universidade Federal de Sergipe/UFS

E-mail: [karla.engseg@gmail.com](mailto:karla.engseg@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1675-8495>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1783910297530902>

**Arthur Vinícius Feitosa Santos**

Graduando de Medicina

Universidade Tiradentes/UNIT-SE

E-mail: arthurvinicius04@souunit.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2594-6641>

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2920203673814748>

---

## RESUMO

A cartografia social é uma ferramenta essencial para a valorização dos territórios quilombolas, permitindo a representação participativa dos espaços vividos e a preservação da memória coletiva. No estado de Sergipe, os quilombos titulados enfrentam desafios importantes relacionados à governança territorial, preservação cultural, desenvolvimento sustentável e qualidade de vida. O presente estudo tem como objetivo analisar a aplicação da cartografia social nos territórios quilombolas titulados sergipanos, com ênfase na representação participativa dos espaços vividos, na preservação cultural e na articulação de saberes técnicos e tradicionais para o empoderamento comunitário. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando oficinas de grupos focais realizadas em quatro quilombos titulados de Sergipe. Os dados foram coletados por meio de conversas informais, observação in loco e análise dos mapas produzidos pelas comunidades. Os resultados indicam que a cartografia social apresenta um impacto significativo na autonomia dos quilombolas, permitindo maior visibilidade de suas demandas e ampliando as possibilidades de reivindicação de direitos. Em relação aos mapas colaborativos, esses refletem elementos simbólicos e materiais que são importantes à identidade quilombola, pois destacam a relação entre território, cultura e ancestralidade. Conclui-se que a cartografia social é uma estratégia eficaz na luta por reconhecimento e busca por políticas públicas mais inclusivas, contribuindo para a construção de um modelo de desenvolvimento que esteja alinhado às necessidades e perspectivas das comunidades quilombolas.

**Palavras-chave:** Cartografia Social. Comunidade Quilombola. Titulação. Territorialidade. Qualidade de Vida. Sustentabilidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Os mapas são instrumentos que representam os complexos processos socioterritoriais. Quando elaborados de modo participativo representam a linguagem intercultural da comunidade e podem constituir-se em poderosas ferramentas de empoderamento local. Os mapas podem auxiliar no fortalecimento de práticas de resistência, estetização de si mesmos, pois, captam forças mediante a articulação de saberes técnicos e tradicionais para o fortalecimento da luta por direitos de parcelas mais vulneráveis da população, como os quilombolas (FILHO; TETI, 2013). Esse instrumento, não é fechado, estando num processo de constante construção e ressignificação, assim como a comunidade, pois o processo de cartografar os fenômenos sociais traz consigo a possibilidade de aumento da capacidade de mobilização, governabilidade e, conseqüentemente, transformação (SANTOS, 2018).

A cartografia social configura-se como um instrumento prático e essencial para a compreensão dos territórios ocupados pelos Povos e Comunidades tradicionais (PCT). Ao possibilitar que esses grupos participem ativamente da construção de mapas que representam seus espaços vívidos, a cartografia social integra saberes técnicos e tradicionais que refletem as dinâmicas sociais e culturais desenvolvidas no quilombo, onde cultura, território e paisagem se mostram inseparáveis (Costa et al., 2016). Essa abordagem reflete diretamente os saberes locais, fortalecendo práticas identitárias, configurando-se como uma ferramenta política e pedagógica diante das lutas por direitos e pela preservação da ancestralidade.

No estado de Sergipe, os territórios quilombolas titulados, mesmo com a regularização fundiária, enfrentam desafios importantes relacionados à garantia de seus direitos, bem como em relação à promoção do desenvolvimento sustentável e qualidade de vida (Feitosa et al., 2021). Nesse contexto, a cartografia social evidencia prioridades e aspirações dessas comunidades. No entanto, há poucos estudos sobre como a cartografia social, por meio da elaboração dos mapas colaborativos pode contribuir para a governança local e para a preservação cultural.

Logo, diante desse cenário, surge o seguinte questionamento: como a cartografia social pode contribuir para a representação participativa dos espaços vividos, preservação cultural e articulação de saberes técnicos e tradicionais nos territórios quilombolas titulados de Sergipe?

Este artigo teve como objetivo analisar a aplicação da cartografia social nos territórios quilombolas titulados de Sergipe, com ênfase na representação participativa dos espaços vividos, na preservação cultural e na articulação de saberes técnicos e tradicionais para o empoderamento comunitário.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A cartografia consiste na representação dos espaços e relações sociais através de estruturas abstratas e que ao longo do tempo foram empregadas pelo Estado como estratégia de domínio territorial e manutenção das relações de poder, sendo, por conseguinte, elaboradas por uma equipe técnica a serviço desses órgãos, muitas vezes não representando os anseios das comunidades tradicionais e de grupos minoritários e mais vulneráveis (PIRES; BITENCOURT; DUQUE, 2022).

Os mapas colaborativos, elaborados pela própria comunidade, possibilitam a compreensão de formas distintas de territorialidades, fortalecimento da identidade étnica e sistematização do processo de ocupação desses territórios, bem como das principais necessidades e infraestruturas implantadas (ALMEIDA; NASCIMENTO, 2023).

De acordo com Bastos e De Oliveira (2019), a cartografia social desempenha um papel crucial na demarcação do território e na preservação da memória coletiva. Em sua pesquisa sobre o Quilombo do Carmo, os autores destacam como o uso de mapas participativos possibilita uma interação entre a história e o território, permitindo que as comunidades expressem suas narrativas identitárias e fortaleçam suas lutas por reconhecimento e manutenção do espaço geográfico. Esses mapas são instrumentos de registro e expressão cultural, que articulam memórias individuais e coletivas ao contexto espacial, fortalecendo os laços comunitários e legitimando as reivindicações sociais das comunidades quilombolas.

As dimensões culturais e simbólicas se destacam como um instrumento fundamental para a compreensão da produção do espaço urbano quilombola. No trabalho de Gomes (2024), que analisa as oralidades das Ìyálodès, a autora ressalta que as narrativas orais femininas não apenas resgatam a memória coletiva, mas também desempenham um papel político na construção e afirmação de identidades quilombolas no contexto urbano. Nesse sentido, a cartografia social emerge como uma ferramenta integradora, que incorpora as perspectivas históricas e culturais na representação do território, promovendo um diálogo entre o passado e o presente das comunidades.

O processo de mapeamento fortalece os laços comunitários e valoriza os elementos patrimoniais significativos para o grupo, sendo, portanto, um instrumento estratégico para a reafirmação de direitos territoriais e culturais, especialmente em comunidades marginalizadas. A cartografia participativa permite que os próprios membros das comunidades assumam o protagonismo no levantamento das informações, conferindo maior legitimidade ao processo e aos resultados obtidos (MARQUES, 2019).

Figueira et al. (2019), ao apresentar o projeto "Nova Cartografia Social do Quilombo Quingoma" em Lauro de Freitas, Bahia, reforçam que a cartografia social é um processo em constante

construção e ressignificação. O estudo evidencia que os mapas elaborados com a participação dos quilombolas permitem a identificação de patrimônios materiais e imateriais do território, destacando a ancestralidade como um elemento central na organização do espaço e na luta por manutenção e valorização do território. A pesquisa também revela como o mapeamento participativo pode potencializar a governança comunitária, ao fortalecer as conexões entre os indivíduos e o espaço que habitam.

Em relação aos determinantes sociais da saúde em comunidades quilombolas, a cartografia pode ser usada como uma matriz para identificar processos críticos relacionados à saúde e às condições de vida dessas populações. A identificação e representação cartográfica das vulnerabilidades podem orientar políticas públicas mais justas e eficazes, contribuindo para a redução das desigualdades estruturais enfrentadas pelas comunidades tradicionais (GOMES, GURGEL; FERNANDES, 2022).

Quanto às interações culturais no território quilombola entre as práticas afro-brasileiras e pentecostais, estas se refletem no espaço vivido e representado pela comunidade, podendo a cartografia social capturar a diversidade cultural e os significados atribuídos ao território, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva da dinâmica comunitária (CORREA, 2020).

No que diz respeito às práticas agrícolas tradicionais em territórios quilombolas, estas contribuem para a conservação da paisagem e para a preservação da biodiversidade. Através da cartografia social é possível evidenciar as relações de respeito e cuidado com o ambiente, inerentes às tradições quilombolas, e destacar sua importância na manutenção do equilíbrio ecológico e na sustentabilidade do território (RODRIGUES e NEVES, 2024).

Com relação ao cotidiano escolar é importante destacar como os aspectos culturais e territoriais permeiam as práticas educacionais. A valorização da identidade quilombola no espaço escolar reflete diretamente o fortalecimento das memórias coletivas e no reconhecimento do território como elemento essencial para a preservação cultural da comunidade. A cartografia social, nesse contexto, aparece como um recurso pedagógico capaz de traduzir essas especificidades e consolidar as conexões entre território e identidade (SANTOS; NEVES; DAYRELL, 2019).

É importante salientar, também, como esta cartografia pode ser utilizada para documentar e legitimar os direitos territoriais. A publicação Comunidade Quilombola Pirangi (SERGIPE, 2011b) destaca bem os elementos centrais que compõem o território vivido pelos quilombolas, evidenciando como os mapas não apenas delimitam o espaço, mas também registram práticas culturais, patrimônios e histórias que estruturam a vivência coletiva. Esse material reforça a importância de políticas públicas

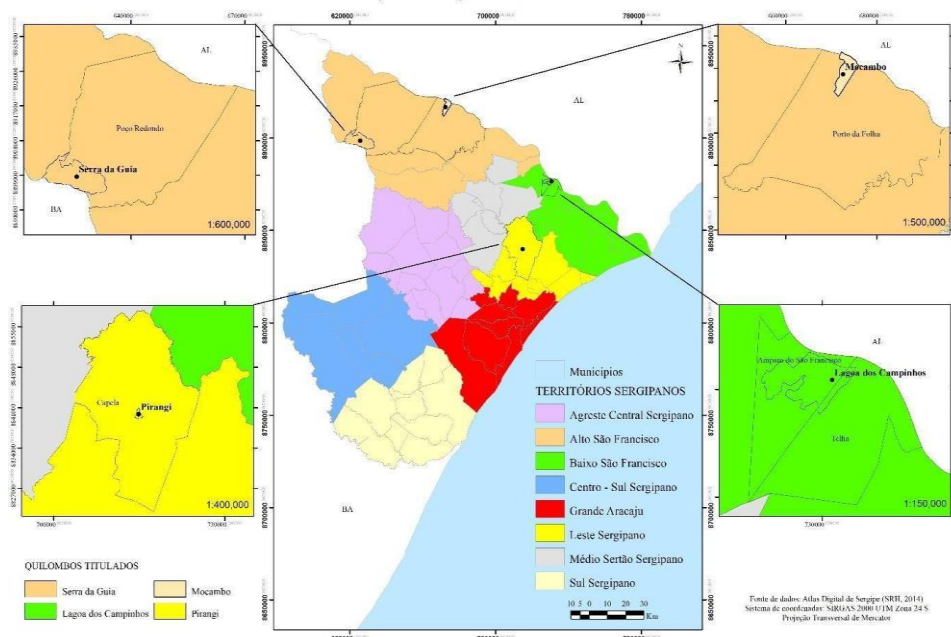
que considerem as especificidades de cada quilombo e utilizem a cartografia como ferramenta de fortalecimento comunitário.

Assim, a cartografia social, além de ser uma ferramenta de registro e planejamento, constitui-se como um ato político que permite às comunidades tradicionais tornarem visíveis suas histórias, valores e lutas. Ao articular memórias coletivas, saberes ancestrais e técnicas cartográficas, os territórios se tornam espaços vivos, carregados de significados que reforçam a identidade cultural e promovem a resistência social. Essas perspectivas reforçam a relevância de se produzir mapas que não apenas registrem limites geográficos, mas também traduzam a subjetividade e o protagonismo das comunidades que os habitam. Como instrumento de visibilização e empoderamento, a cartografia social se apresenta como uma prática transformadora, capaz de promover mudanças significativas no reconhecimento e na valorização dos territórios quilombolas e de outros povos tradicionais.

### 3 METODOLOGIA

A coleta dos dados primários aconteceu de dezembro de 2018 a março de 2020, nos quatro quilombos titulados do estado de Sergipe. Sergipe possui 36 territórios quilombolas certificados, com 5.438 famílias cadastradas e autorreconhecidas como quilombolas, porém apenas quatro dessas comunidades foram tituladas até 2024, que são Mocambo, Pirangi, Lagoa dos Campinhos e Serra da Guia (INCRA, 2020). (Figura 01).

**Figura 01:** Mapas dos quilombos titulados de Sergipe  
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS QUILOMBOS TITULADOS SERGIPANOS





A comunidade **Serra da Guia** localiza-se a 42 km de Poço Redondo/SE, na microrregião sergipana “Sertão do São Francisco” a 187 km da capital Aracaju/SE, na região sul daquele município. As principais atividades econômicas da região são: a agricultura (produção de milho, feijão e mandioca) e a pecuária (criação de bovino, ovinos, equinos, caprinos e suínos). Com alto índice de analfabetismo (38%), 60% da população se autodenominando negra e 79% dos seus habitantes vivendo com um ou menos de um salário mínimo (SERGIPE, 2011a). É formada por um território de 9.013,18 hectares validado por decreto de desapropriação publicado em 22 de novembro de 2012, correspondendo a 0,073% do território total de Poço Redondo, que é de 121.245 hectares, possuindo 187 famílias cadastradas no INCRA.

**Pirangi** localiza-se no município de Capela e possui 30.761 habitantes, uma área de 128,19 hectares, ocupando aproximadamente 0,03% do território deste município, sendo formada por 61 famílias (INCRA, 2020). Está situada no Leste Sergipano, a aproximadamente 3 km da sede municipal e a 71 km da capital Aracaju, fazendo limite com Aquidabã, Muribeca, Japaratuba, Rosário do Catete, Siriri, Nossa Senhora das Dores e Cumbe (SERGIPE, 2011b). Situa-se na bacia do rio Japaratuba, tendo como base econômica a produção orgânica de hortaliças e o desenvolvimento da cultura da mandioca, além da criação de aves e bovinos

**Mocambo** localiza-se no município de Porto da Folha (SE), certificado desde 1997, possui uma área de 2261,589 hectares, ocupando aproximadamente 2,5214% do território deste município, que possui 89.694 hectares. Situa-se a aproximadamente 185 km da capital Aracaju, na microrregião do Alto Sertão, sendo composto por 178 famílias. Localiza-se no semiárido e sofre com a escassez hídrica, de modo que sua comunidade sobrevive basicamente de programas assistenciais (sobretudo o Bolsa Família) e da criação de gado de leite, ovinos, caprinos e da agricultura de autoconsumo, onde geralmente se planta milho, macaxeira, feijão e hortaliças e os quilombolas também realizam a atividade pesqueira. Esta comunidade vivenciou um processo de reivindicação territorial tenso e marcado por muitas expropriações.

**Lagoa dos Campinhos** foi um dos primeiros territórios quilombolas sergipanos a ser reconhecido pelo INCRA, sendo certificado desde 2004, embora só tenha recebido o primeiro título de posse da terra, em nome da Associação do Território de Remanescente do Quilombo Pontal do Crioulo, no ano de 2011. Localiza-se na zona rural do município de Amparo do São Francisco próximo ao município de Telha, no Baixo São Francisco, região do leste sergipano, a aproximadamente 03 km da cidade e 116 km da capital. Possui 1.263 hectares onde vivem mais de 108 famílias descendentes de escravos à margem direita do rio São Francisco, nos municípios de Amparo de São Francisco e Telha. A comunidade subsiste da agricultura, sobretudo do cultivo de milho e mandioca, da fruticultura

(a exemplo da manga e do cajá), da pesca e dos recursos oriundos de programas assistenciais do Estado (INCRA, 2020).

Antes da elaboração da cartografia social, foram realizadas 04 oficinas de **grupos focais** (uma em cada quilombo). Os colaboradores do grupo focal e da cartografia social foram intencionalmente selecionados a partir de uma cadeia de referências que efetivamente captassem a rotina da comunidade, ou seja, os indivíduos mais citados pelos moradores entrevistados como importantes para o quilombo foram as pessoas convidadas a integrar a amostra. Essa técnica de escolha possibilitou que os informantes fossem suficientemente diversificados para assegurar a apreensão de semelhanças e diferenças em termos de olhares acerca do fenômeno estudado (Verdejo, 2006). Assim, foram realizadas conversas informais com 06 lideranças da comunidade Serra da Guia, 09 de Pirangi, 07 de Mocambo e 06 de Lagoa dos Campinhos, sendo essas mesmas pessoas as que participaram da oficina para Confecção da Cartografia Social de seus respectivos quilombos. Assim, as questões norteadoras do grupo focal foram: Como encontra-se o cenário dos quilombos? Qual a perspectiva de qualidade de vida das mesmas? E o que acredita que precisaria para melhorar a sua situação de vida?

Discutidos esses temas, foi solicitado que os participantes elaborassem a **cartografia social do quilombo**, representando no mapa o que a comunidade possui, com destaque para os principais equipamentos sociais e potencialidades locais. O processo de cartografia social possibilita mediante o auto mapeamento dos territórios tradicionais elucidar as territorialidades e identificar formas peculiares de gestão dos recursos naturais, reconhecendo as disputas simbólicas e políticas existentes. Assim, através do mapa participativo pode-se conhecer dados da história, cultura, tecnologia, bem como as relações e modo de organização das comunidades tradicionais (ACSELRAD, 2014).

Desta forma, em cada comunidade foi entregue um mapa com o contorno das áreas dos quilombos, impressos em folha A0 (841 x1189 mm) na escala 1:120.000, cuja base cartográfica foi elaborada com o manuseio no ArcGIS e o banco de dados da Secretaria de Recursos Hídricos do Estado de Sergipe (SRH, 2016). Utilizou-se para a confecção da cartografia canetas a base de álcool, lápis de grafite e de cor.

Ademais, para realização desse estudo, considerou-se qualidade de vida (QV) como um constructo social que depende da satisfação em várias dimensões da vida (socioeconômica, ambiental e cultural) estando, portanto, atrelada a ideia de conforto e bem-estar (MINAYO; HATZ; BUSS, 2006). Ou seja, QV coaduna com o conceito ampliado de saúde/promoção de bem-estar e com a perspectiva de Velarde-Jurado; Avila-Figueiroa (2002) que a associa ao momento histórico vivenciado, aos estilos de vida e à cultura de um povo, recebendo influências de fatores como



emprego, moradia, situação socioeconômica, acesso aos serviços públicos, poluição ambiental e outros, que formam o entorno social e que interferem no desenvolvimento de uma comunidade.

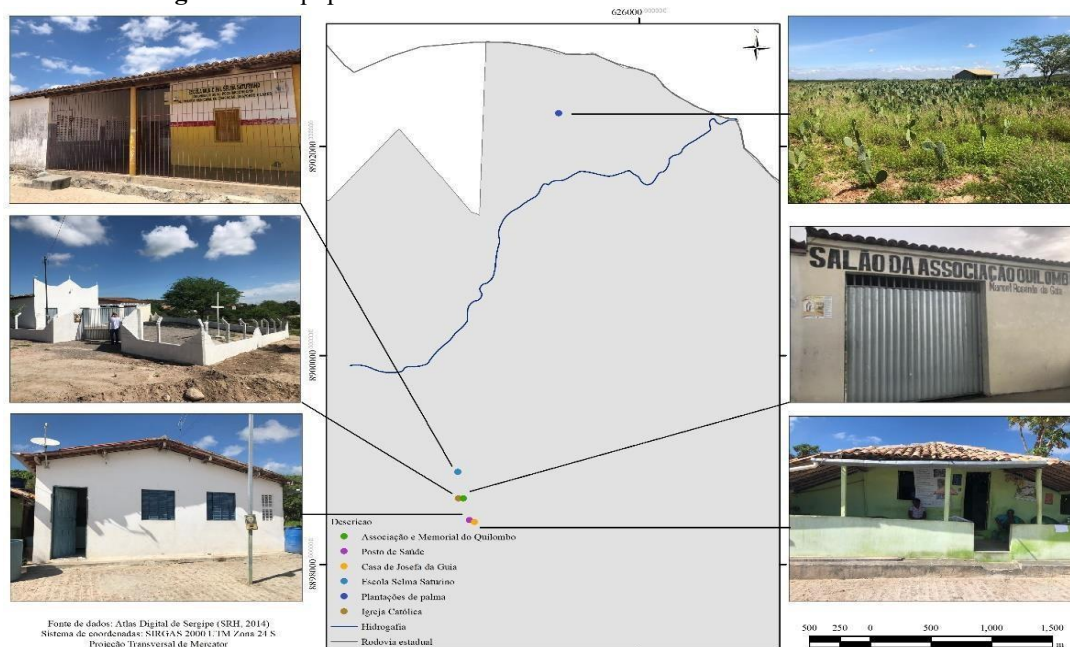
Por fim, os dados coletados foram tabulados e analisados de acordo com a literatura pertinente. Destaca-se que essa pesquisa foi aprovada Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por meio da plataforma Brasil, parecer nº de 2.632.398.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 COMPREENDENDO O TERRITÓRIO QUILOMBOLA E SEUS ANSEIOS

A oficina cartográfica em **Serra da Guia**, contou com a participação de 06 lideranças locais. Nesta comunidade apareceram elementos físicos com bastante detalhes que se sobressaíram sobre os componentes simbólicos tradicionais tanto no grupo focal, quanto na cartografia social, o que nos remete a perceber que as necessidades concretas e basilares do quilombo ainda não foram atendidas pelo poder público, apesar de haver dispositivos legais que garantam a oferta desses serviços. Os equipamentos sociais destacados pela comunidade como importantes foram a sede da associação quilombola, a capela, a casa de dona Josefa da Guia, a escola e o posto de saúde (Figura 02).

**Figura 02:** Equipamentos sociais da comunidade Serra da Guia/SE

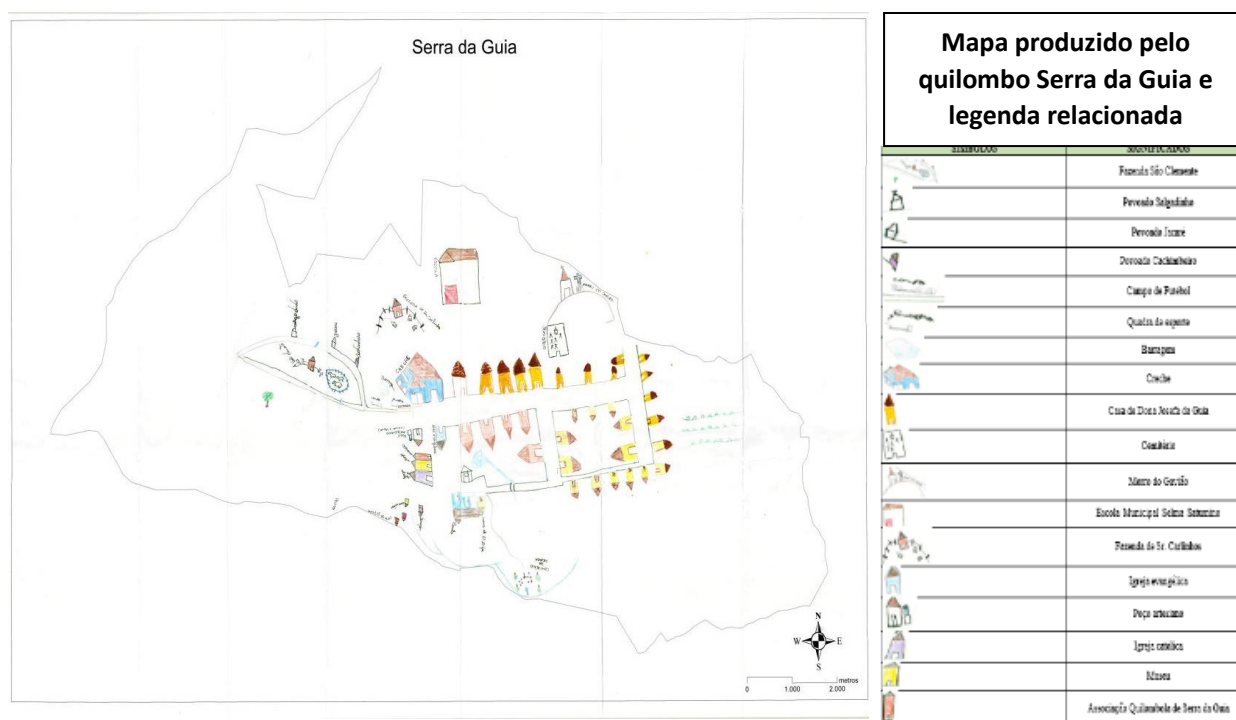


**Fonte:** Feitosa et al., 2021.

Dessa forma, na cartografia social, pôde-se perceber que as principais demandas estavam associadas à infraestrutura básica de todo lugar como: água encanada, esgotamento sanitário, coleta de resíduos sólidos, saúde e educação. Uma vez que as lideranças elencaram a completa falta de

equipes de saúde da família (ausência por exemplo de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, assistentes sociais, dentistas, somente com agentes comunitários de saúde); inexistência de uma rede de água potável, esgotamento sanitário, empregos e creche em funcionamento (Figura 03).

**Figura 03:** Cartografia social de Serra da Guia/SE



**Fonte:** Pesquisa, 2021.

Essas demandas apontadas pela comunidade são direitos básicos de cidadania e fatores de produção de qualidade de vida e saúde. Portanto, a necessidade de geração de emprego, infraestrutura, educação e boa alimentação foram considerados elementos que se somam à luta pelo território, a defesa da cultura e o combate ao racismo, condições imprescindíveis para sobrevivência digna nesses espaços (GOMES; GURGEL; FERNANDES, 2022).

Entre os elementos que representam o território quilombola apareceram também: caixa d'água, poço artesiano, posto de saúde, Casa de D. Josefa da Guia, Museu do Quilombo, animais (boi), barragem, creche inconclusa, Fazenda de Serraria, Curralinho, Sr. Carlinhos, campo e quadra de futebol improvisados, escola, igreja católica e evangélica, dois cemitérios, um mais recente e outro no topo da Serra Negra, povoados locais (Salgadinho, Jacaré e Cachimbinho) e suas habitações.

Sobre os elementos que fazem parte do quilombo, percebe-se que a estrutura local é simples, com características predominantemente rurais e a comunidade conta apenas com uma escola de ensino fundamental menor, que atende somente as crianças do 1º ao 5º ano. Entretanto, o desejo dos

moradores é ter acesso a uma escola em nível estadual que ofereça o ensino fundamental maior, médio e superior seja para jovens e/ou adultos. É válido ressaltar que 87,4% dos moradores deste quilombo são analfabetos ou no máximo concluíram o ensino fundamental (INCRA,2020). Como o quilombo só possui uma escola e esta contempla até o ensino fundamental, os anseios descritos pelas lideranças são: reforma da escola local, construção de um colégio estadual com quadra poliesportiva, escola técnica e uma faculdade.

No quilombo, não foram encontrados templos de religião de matrizes africanas. Foram citados apenas os templos católicos e a igreja evangélica de origem cristã, percebendo-se ainda, forte religiosidade dessa comunidade, em outros formatos de manifestações, sobretudo nas festas da padroeira local. Para Correa (2020), a desestruturação das práticas religiosas das matrizes africanas, muitas vezes substituídas pelas religiões de origem europeia ou neopentecostal, representa a perda de costumes ancestrais e promovem impacto direto na socialização dessas comunidades. Daí a valorização de costumes e religiões ancestrais deveria fazer parte dos anseios das comunidades quilombolas.

O quilombo tem ainda como manifestações populares os folguedos, vaquejada, danças de roda, banda de pífano e novenas. Outros lugares emblemáticos no quilombo são os cemitérios. O Cemitério Morro do Gavião é o mais recente e foi construído em função da limitação do número de covas do cemitério mais antigo, o do topo da Serra Negra, também conhecido como cemitério dos escravos. É neste último que acontece a festa da Gloriosa Santa Cruz e o ritual do novenário, pois esse local simboliza o marco de resistência dos povos escravizados que ali chegaram na segunda metade do século 19, sendo a serra utilizada como guia ou marcação da rota de fuga dos negros fugidos dos remanescentes dos Quilombos dos Palmares (SANTOS, 2014).

Pode-se perceber também a importância da pecuária para o quilombo, uma vez que Serra da Guia tem solo pouco propício para a agricultura. E apesar do cultivo de feijão e milho serem as principais atividades agrícolas, a plantação de palma forrageira tem ganhado expressividade, justamente por servir de alimento à criação de gado leiteiro.

Além disso, ligados às especificidades regionais, a implantação de poços artesianos, manutenção da caixa d'água e construção de barragens foram elementos apontados como de extrema urgência para a comunidade, que vem padecendo com a falta desses recursos, ficando à mercê de carros-pipas e cisternas para sobreviverem, de maneira que a água encanada é um antigo sonho do quilombo. Em estudo semelhante, Amorim; Silva; Sato (2017) relatam os diversos conflitos no acesso à água, identificados na cartografia social aplicada ao quilombo Mata Cavalo (MT). Os autores consideram que diante das mudanças climáticas essa dificuldade de acesso vulnerabiliza as condições

de vida dos quilombolas que, por sua vez, necessitam de várias opções de captação da água além dos poços artesianos, como a construção de cisternas, captação de água das chuvas, ou ainda a recuperação de áreas ciliares degradadas, de forma a garantir estratégias que não sejam somente imediatistas.

Ao lado desse anseio, as lideranças mencionaram a assistência à saúde como necessidade primordial do quilombo. Apesar de possuir um posto de saúde (conseguido através de doações recebidas em nome da liderança Josefa da Guia), ele não dispõe de equipamentos e insumos, nem profissionais para assistirem a comunidade. De modo que, os cuidados são prestados, quase que exclusivamente, pela rezadeira, benzedeira e parteira Dona Josefa da Guia, que na contramão da estatística se orgulha de trazer mais de 7000 crianças ao mundo, sem perder uma única vida. Enfim, mesmo contando com os conhecimentos tradicionais imensuráveis da liderança, uma ambulância e profissionais de saúde no quilombo, sem dúvida contribuiriam para melhorar a perspectiva de qualidade de vida da comunidade.

Do ponto de vista habitacional, embora o quilombo tenha sido contemplado com mais de 80 casas resultantes de parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a Caixa Econômica Federal (CEF), as lideranças quilombolas apontam um déficit habitacional da ordem de 110 residências. Entre as expectativas dos moradores também estão a reforma do campo de futebol e a construção de uma quadra poliesportiva coberta. A liderança acredita que seria uma forma de oportunizar e até ampliar a participação feminina nos esportes, desenvolvendo também outros exercícios, como o basquete e voleibol. As atividades esportivas foram compreendidas como poderosos instrumentos de promoção da saúde e embora não existam projetos ou programas de lazer implantados, verificou-se a presença de dois campos de futebol grandes, um deles com uma obra de vestiário inacabada e um campinho menor. Percebe-se que o futebol é a modalidade mais frequente, de modo que a comunidade possui dois times, o Santa Cruz e o Palmeirinha.

Registra-se ainda que as lideranças definiram qualidade de vida como: ter saúde/ assistência médica; emprego para satisfazer suas necessidades; condições de vida digna e água tratada; educação contínua e contextualizada; e uma boa alimentação. Constatando-se assim que sequer as necessidades básicas foram supridas pelo poder público, que ao longo de séculos continua invisibilizando as comunidades tradicionais (Quadro 01).

Destaca-se que os quilombos possuem uma prevalência 25% maior de insegurança alimentar que as famílias não quilombolas e, por conseguinte, também apresentam os piores indicadores de renda, escolaridade e empregabilidade, demonstrando os efeitos do racismo estrutural e pouca intervenção do poder público para reparar sua dívida social com esses povos (MACIEL et al., 2021).

**Quadro 01:** Anseios da comunidade de Serra da Guia

<b>ANSEIOS DA COMUNIDADE SERRA DA GUIA</b>	
<b>O QUE TEMOS?</b>	<b>O QUE QUEREMOS?</b>
01 Escola Municipal 01 creche não finalizada 01 museu 01 igreja católica 01 igreja evangélica 01 posto médico 01 lanchonete 01 poço artesiano Samba de coco, quadrilhas, vaquejada, novenas Quadra de futebol e poliesportiva Rezadeira e benzedeira Bordadeira Cemitério (2)	01 Escola Estadual e 01 Faculdade 01 creche funcionando Reforma no posto médico Profissionais de saúde 01 ambulância Mais poços artesianos 01 centro de artesanato Reforma na quadra de futebol Construção de uma quadra poliesportiva Construção de quadra - - -

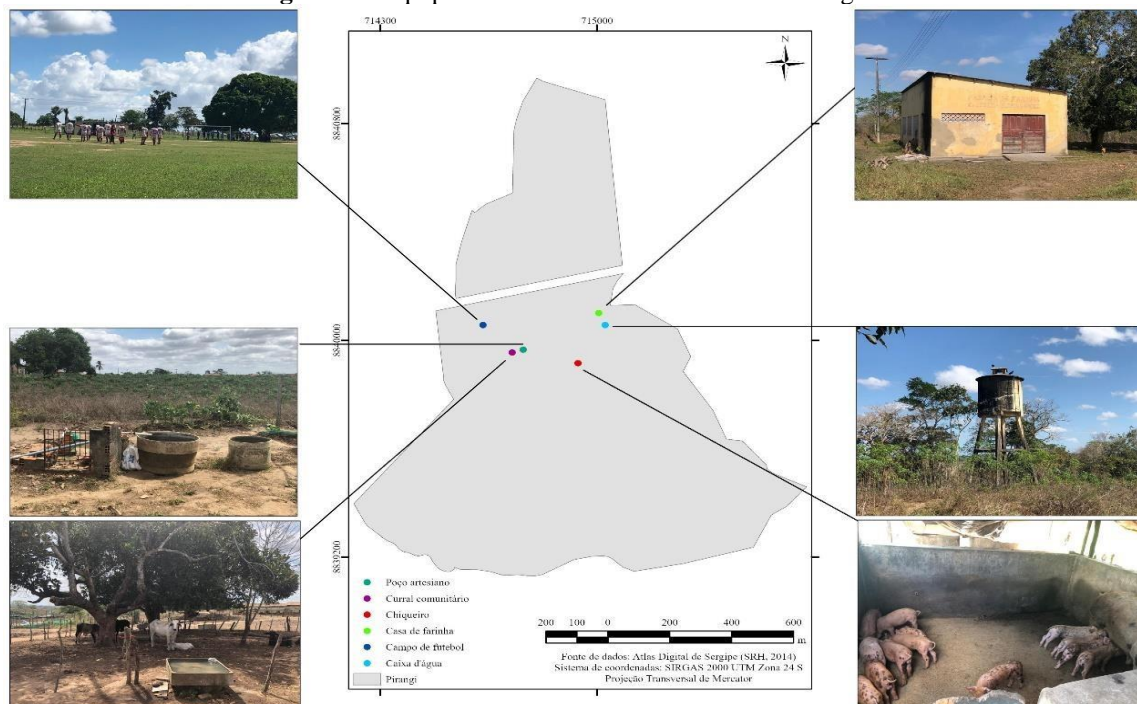
**Fonte:** Pesquisa, 2021

Uma análise geral revela que o quilombo é bem consolidado territorialmente, pois não houve no mapa a extrapolação das fronteiras físicas. A parte central comporta todas as atividades quilombolas e as suas extremidades possuem segmentos ociosos que requerem a implantação de serviços urbanos como a reforma da creche, a construção de novas moradias, implantação de uma escola técnica, colégio com quadra poliesportiva, serviços de saúde e praça. Pode-se destacar ainda a representatividade de Dona Josefa da Guia, que teve sua casa desenhada por duas vezes no quilombo, isto em virtude de sua importância enquanto liderança local, fundadora do quilombo e mantenedora do cuidado na comunidade com base nos valores dos povos africanos.

A **cartografia social da comunidade de Pirangi** contou com a presença de 09 lideranças locais, dentre elas o antigo e atual presidente da Associação Quilombola de Pirangi. A Fazenda Pirangi foi consolidada com o auxílio da Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO), em parceria com a UFS que montaram um laboratório de experimentos e projetos agropecuários sob administração estadual, no quilombo em 1994. A herança estrutural do projeto é composta por uma casa-grande, que funciona como a sede da Associação Agrícola Pirangi Remanescente de Quilombo, a casa de farinha, a pocilga, o aviário, o aprisco e o barracão (local onde ocorrem as reuniões e outras atividades da comunidade). Assim, os principais equipamentos sociais (Figura 04) identificados do quilombo foram a casa de farinha, pocilga, campo de futebol, a Casa Grande e sede da Associação de Remanescente Quilombola de Pirangi, a caixa d'água, poços artesianos, criação de gado, etc.



**Figura 04:** Equipamentos sociais da comunidade Pirangi/SE



Na cartografia social, a maioria dos elementos pontuados foi constituída por símbolos físicos, a exemplo do poço artesiano, caixa d'água comunitária, sendo inclusive mencionado que esses espaços necessitavam de ampliação e reformas pois geram qualidade de vida e renda para o quilombo ao possibilitarem a subsistência digna pela terra. Com relação aos aspectos imateriais, os mais elencados foram a casa de farinha, samba de roda e as danças típicas, que em geral acontecem no galpão, conjuntamente com os demais eventos, como os festejos juninos e reuniões do futebol (Figura 05).

Os objetos do patrimônio imaterial do quilombo que foram representados em desenhos maiores são: a Casa de Farinha, a Casa Grande e a placa de titulação do INCRA situada na entrada do quilombo. A **Casa Grande**, antiga fazenda de escravos, hoje é a sede da associação quilombola e local onde se mantém o acervo de fotos da história do quilombo e de seus ancestrais. Ao passo que a **Casa de Farinha** é um local histórico rudimentar onde se produz alimentos à base de mandioca (farinha, goma, beiju, tapioca, etc.). Como menciona Araújo (2017), casas de farinha são lugares de memórias, imbricados de um saber-fazer peculiar às comunidades tradicionais, que além de serem fontes de renda exprimem o modo de se relacionar e lidar com as ferramentas próprias de um conhecimento passado de geração a geração. E por fim, a **placa de titularidade do INCRA** marca a tão sonhada conquista da propriedade coletiva da terra e a possibilidade de viver e tirar o sustento da terra.



**Figura 05:** Cartografia social de Pirangi



**Fonte:** Pesquisa, 2021

**Mapa produzido pelo  
quilombo Pirangi e legenda  
relacionada**

SÍMBOLOS	SIGNIFICADOS
	Plano do INCRA identificado e nomeado
	Rio
	Casa
	Sede
	Dojo artístico
	Casa de Família
	Escola
	Posto
	Casa d'água
	Criatório
	Terreiros individuais
	Campo de Futebol
	Área de Preservação Permanente

As lideranças apontaram como principais necessidades materiais, respectivamente: água potável, esgotamento sanitário, disponibilidade de insumos e maquinários agrícolas, construção de mais casas no quilombo, profissionais de saúde (no quilombo só aparecem os agentes comunitários de saúde, sendo necessário andar muitos quilombos para ser atendido pela Equipe de Saúde da Família que fica no centro de Capela/SE), emprego e construção de escolas na comunidade. Deste modo, percebe-se que o conceito de qualidade de vida em Pirangi está associado à satisfação das necessidades básicas e de infraestrutura mínima para subsistência digna no quilombo.

É preciso destacar que outra forte reivindicação se refere à da propriedade definitiva do restante do território quilombola que aguarda desapropriação pelo INCRA, o que aumentaria o potencial de subsistência da comunidade, anseio este visível quando a comunidade escreve na parte superior do mapa “posse da terra desta área”. O direito de propriedade quilombola no Brasil decorre de lutas históricas e, são vários os desafios nesse processo, ligados muitas vezes à burocracia ou à indiferença dos órgãos responsáveis (CABRAL, 2023). Vários anseios foram apontados pela comunidade, corroborando com o que já foi identificado na cartografia social (Quadro 02).

**Quadro 02 - Anseios da comunidade Pirangi/SE**

<b>ANSEIOS DA COMUNIDADE PIRANGI</b>	
<b>O QUE TEMOS?</b>	<b>O QUE QUEREMOS?</b>
Sede Galpão Casa de farinha Caixa d'água Pocilga Casas Campo de futebol Casa de doce Poço artesanal Casa da galinha de postura Presa do fundo da pocilga Estufa Medidor de temperatura do tempo Reserva da mata Comidas típicas (mungunzá, feijoadada, buchada de carneiro, cocada, etc.) Fabricação de doces (mamão, goiaba, manga, banana e abacaxi)	Reforma da sede Reforma do galpão do trator Reforma da casa de farinha Restruturação da presa para colocar água na caixa Reforma da pocilga Instalação da água e energia nas casas Estruturar o campo de futebol Reformar a casa do doce Instalação de mais poços artesianos Tratores Preservação da mata com apoio do IBAMA Calçamentos Assistência técnica para orientar no cultivo Produção de hortaliças Organização da produção e comercialização

**Fonte:** Pesquisa, 2021.

Dentre as necessidades mencionadas, algumas foram consideradas urgentes pelos quilombolas como: a falta de água/energia nas habitações recém construídas e as reformas dos equipamentos/compra de insumos para a produção, pois impossibilitam que os quilombolas residam na comunidade e gerem autonomia.

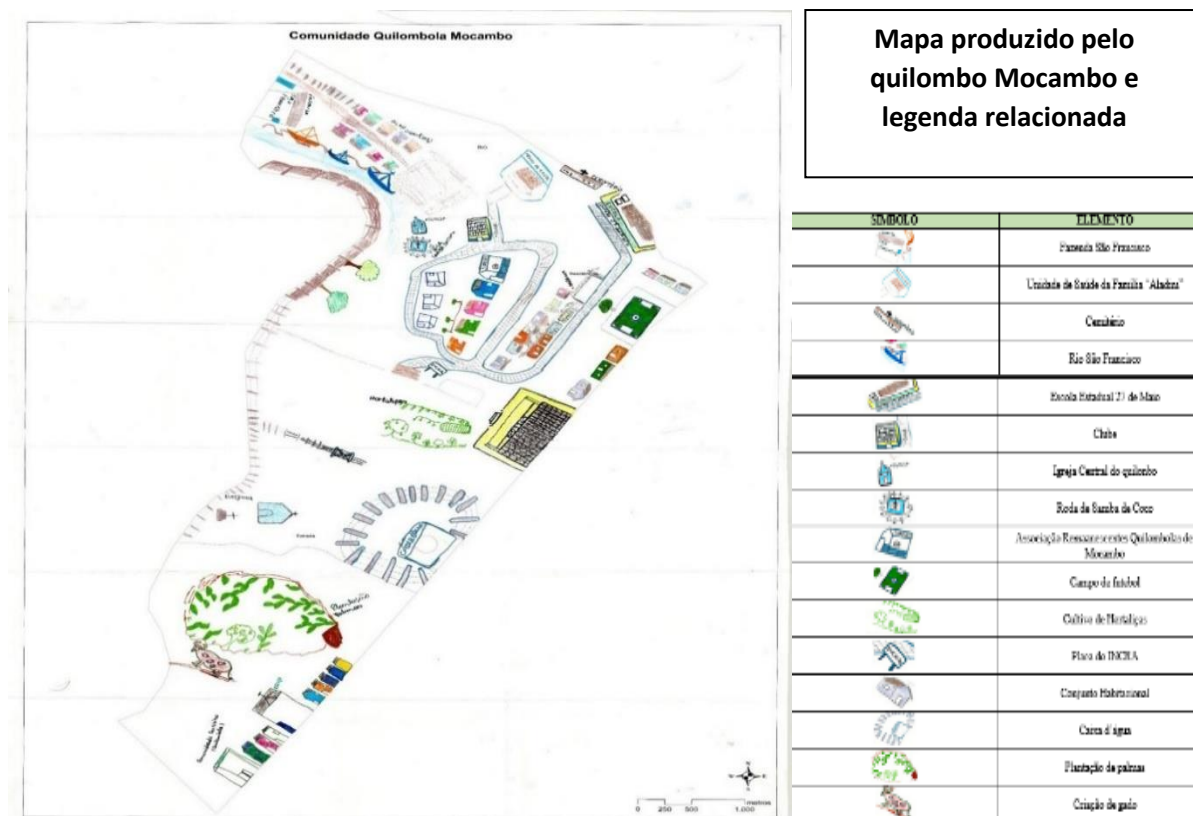
Desta forma, percebe-se o anseio dessa comunidade por viver e se auto sustentar da terra, tanto é que mesmo sem condições propícias criam estratégias de resistência e conservação da biodiversidade como o cultivo de sementes crioulas, práticas agroecológicas e manutenção de roças/quintais com plantações diversas e voltadas para o autoconsumo e fomento da renda local (Rodrigues; Neves, 2024).

Observou-se que a atividade esportiva da comunidade é o futebol sendo praticado por jovens e adultos de ambos os sexos, inclusive essa prática está se estendendo para crianças e mulheres que começaram a treinar de modo organizado. Ademais, está entre as expectativas dos moradores, a reforma da Casa dos Escravos e a estruturação dos galpões para acomodar os eventos do quilombo. A comunidade pontuou acerca da necessidade a pavimentação das ruas para facilitar o acesso ao quilombo, o que facilitaria o escoamento e venda da produção. Relataram ainda o desejo de possuir uma unidade de saúde na comunidade.

A oficina cartográfica em **Mocambo** aconteceu com 07 lideranças locais e pôde-se observar que os elementos físicos pontuados foram a construção de casas, igrejas, campos de futebol, a Escola Estadual Quilombola 27 de Maio, Unidade da Saúde da Família Aladim, Associação de Remanescentes Quilombola de Mocambo, Igrejas do Centro, a placa do INCRA, etc. (Figura 06). Esta

última, é um marco da conquista da terra e símbolo identitário, sendo uma representação do momento em que o quilombo foi reconhecido pelo poder público como “sujeito de direitos”. Ademais, o quilombo Mocambo é o mais antigo e o primeiro a ser titulado no estado de Sergipe, por este motivo acredita-se que é o melhor estruturado, dentre as comunidades quilombolas existentes no Estado.

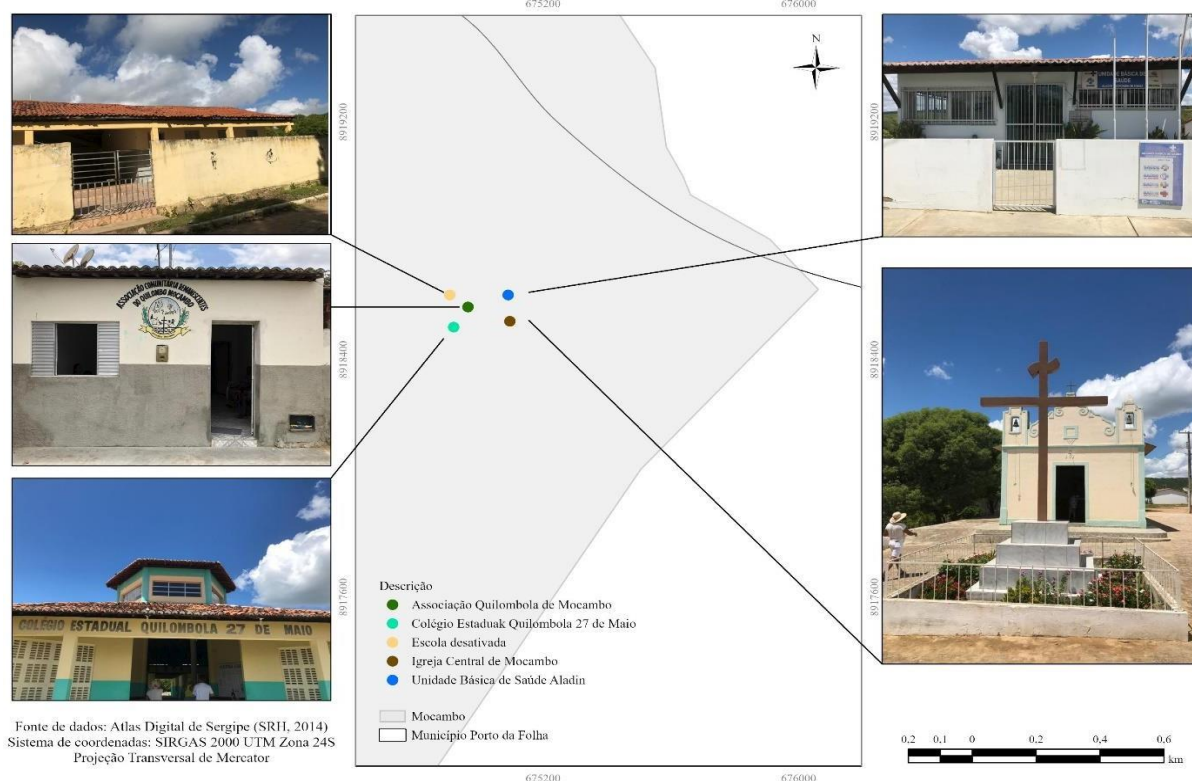
**Figura 06:** Cartografia social de Mocambo



**Fonte:** Pesquisa, 2021.

Outra estrutura local com foco na história, ancestralidade e adequada para a formação quilombola é a escola. Em Mocambo, esse patrimônio material se encontra conservado, precisando apenas de melhorias logísticas, compra de insumos e ajustes de setores para um melhor funcionamento dos serviços educacionais. Ou seja, a Escola Estadual 27 de Maio, apesar de possuir um prédio novo, não dispõe de bons computadores, rede de internet (no período de pandemia da COVID-19, as aulas on-line foram sendo ministradas pela cessão do uso da internet da Associação Quilombola da comunidade), ambientes recreativos, espaços de socialização e planejamento pedagógico (Figura 07).

**Figura 07 - Principais equipamentos sociais de Mocambo/SE**



**Fonte:** Pesquisa, 2021.

Acrescenta-se que, o futebol, assim como em outros quilombos, é o esporte de maior representatividade na comunidade, tanto é que ela anseia pela reestruturação do campo e construção de uma quadra poliesportiva, pois essa é uma atividade de lazer bastante praticada.

Outro aspecto evidenciado na cartografia pelas lideranças foi o samba de coco, justamente em frente à igreja central da comunidade, simbolizando parte da cerimônia da celebração da principal festa do quilombo (Gloriosa Santa Cruz), figurando como um símbolo de resistência e luta. A comunidade teve a preocupação de registrar nessa dança, os elos de solidariedade evidenciados pelas mãos dadas dos “bonecos” e a circularidade, como elemento que representa a legitimação da identidade quilombola, a diuturna batalha para reafirmar suas conquistas territoriais e a reivindicação de direitos de cidadania ao poder público.

As lideranças apontaram como principais anseios da comunidade: o esgotamento sanitário, o acesso a serviços de saúde mediante a contratação de um maior número de funcionários (médicos, técnicos de enfermagem e dentistas, diariamente) para prestar atendimento à comunidade no próprio quilombo, inclusive com o agendamento de consultas e exames especializados; um maior acesso à cultura, com a estruturação do museu quilombola, a reforma da praça de eventos, pavimentação das ruas da comunidade e as que dão acesso a ela; contratação de professores quilombolas para todas as disciplinas da grade curricular, etc. (Quadro 03).

**Quadro 03:** Principais anseios da comunidade de Mocambo/SE

<b>ANSEIOS DA COMUNIDADE DE MOCAMBO</b>	
<b>O QUE TEMOS?</b>	<b>O QUE QUEREMOS?</b>
Escola quilombola (Colégio Estadual 27 de Maio) Posto de saúde Pavimentação Campo de futebol Secretaria (associação) Igreja católica Cemitério Clube social Comidas típicas (bolinho de feijoada, feijão de osso) Arrição, queijo, moringa e mel Ervas medicinais Samba de coco Vaquejada Festa da Santa Cruz Festa da Consciência Negra	Saneamento Básico Pavimentação completa das ruas Praça de eventos Quadra poliesportiva Museu Mais profissionais de saúde Mais profissionais de educação Odontólogo com frequência Estádio Preservação, conservação da natureza Orla às margens do rio São Francisco Feira de artesanato

**Fonte:** Pesquisa, 2021.

A escola possui defasagem de professores, razão pela qual muitas disciplinas ainda estão sem docentes. Acrescenta-se que uma das demandas do Quilombo é que a equipe pedagógica fosse preenchida por quilombolas e que as raízes socioculturais fossem mais valorizadas. Os mocambinos solicitaram também a reforma do plano político pedagógico educacional, de maneira que este esteja em sintoma com o modo de vida, cultura e saberes tradicionais locais.

Ao se analisar a educação ofertada aos sujeitos do campo, e nesse caso, aos que vivem em comunidades quilombolas, percebe-se que as diretrizes curriculares que trabalham a articulação entre o contexto vivenciado pelas comunidades e o currículo não é a realidade de vários quilombos. Embora a Educação do Campo seja um fruto de lutas e mobilizações dos movimentos sociais camponeses, vários avanços são necessários para que se concretize, um currículo contextualizado com as vivências locais e construído coletivamente (BICALHO; MACEDO; RODRIGUES, 2024).

Outro ponto de reivindicação refere-se ao museu, os quilombolas sonham em reformar a escola desativada localizada na entrada do Quilombo e transformá-la num museu, de maneira a conservar os artefatos históricos que se encontram guardados na Secretaria da Escola Estadual Quilombola 27 de Maio, além deste servir de ponto turístico.

A comunidade também mencionou o anseio de reestruturar a praça de eventos e o clube, uma vez que nesses locais acontecem a mobilização e celebração de muitas manifestações culturais, a exemplo dos ensaios de capoeira, reunião das bordadeiras, do samba de coco, das quadrilhas juninas, eventos em comemoração à data de certificação e do Dia da Consciência Negra, entre outros.

O conceito de qualidade de vida nesse Quilombo está fortemente associado aos aspectos socioculturais como assistência à saúde, emprego/renda, infraestrutura e preservação dos valores



culturais e da ancestralidade. Destaca-se que a saúde apareceu como principal elemento para obtenção da qualidade de vida, pois a estratégia de saúde da família no quilombo possui sensíveis fragilidades, que vão desde a presença descontínua de profissionais da atenção básica (médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem) e saúde bucal (dentista e auxiliar de saúde bucal); carência de insumos e equipamentos; ausência de ambulância; dificuldade no agendamento de consultas; exames especializados; não existência de uma farmácia básica; e maior diálogo entre a equipe de saúde e a comunidade. Assim, a criação de um ambulatório permanente foi outra demanda considerada urgente, pois a equipe de saúde só atende semanalmente.

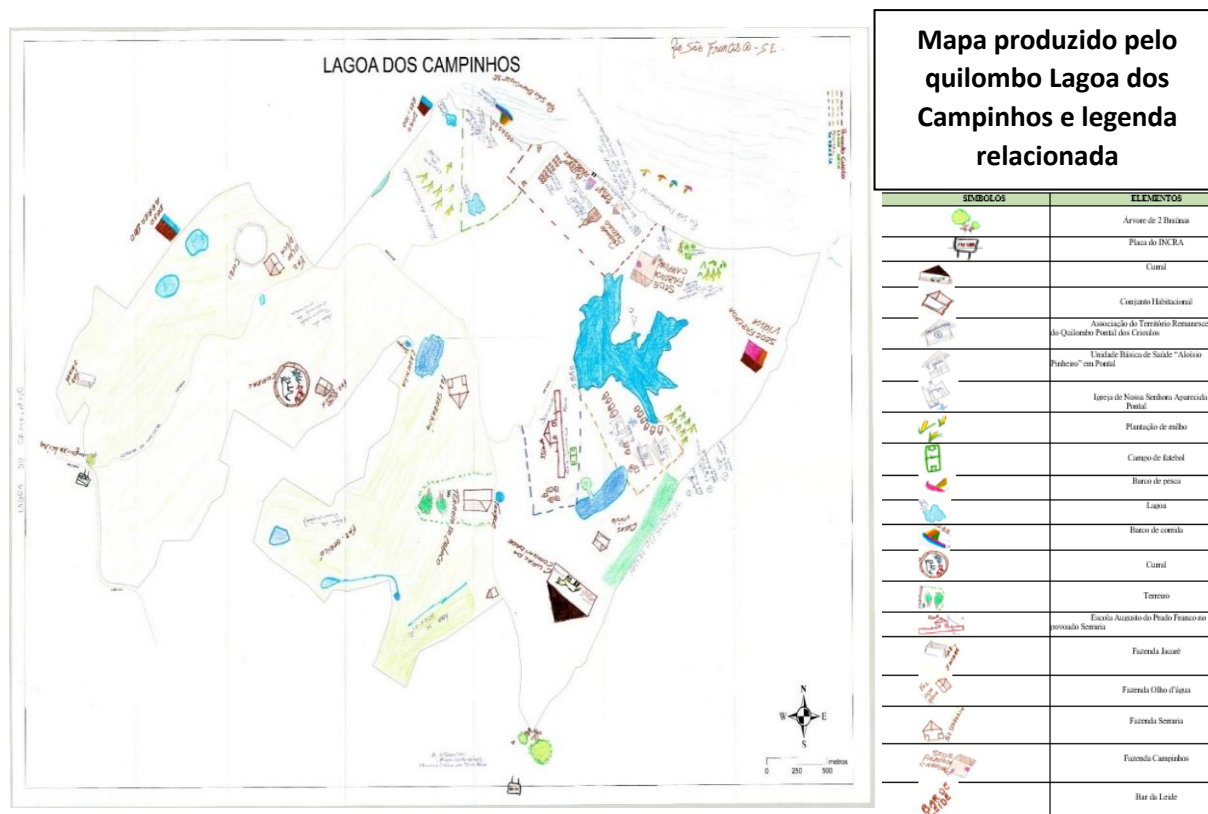
Outro setor que necessita ser fomentado é o de geração de emprego e renda, tanto é que as lideranças fizeram uma associação direta da qualidade de vida com o emprego e com a satisfação das necessidades básicas de alimentação. Por fim, a segurança foi pontuada como elemento essencial à qualidade de vida, remetendo ao processo de luta e resistência para a conquista do território e dificuldade do quilombo de exercer suas territorialidades e, sobretudo, ter acesso a direitos sociais básicos de qualquer cidadão.

**A Cartografia Social em Lagoa dos Campinhos** demonstrou que, assim como em Mocambo (Sertão sergipano), a comunidade mantém uma relação próxima com o Rio São Francisco, tanto é que subsiste basicamente de programas assistenciais do governo e da atividade pesqueira e, em virtude disso, o barco de pesca foi uma das imagens destacadas na cartografia. Este quilombo situa-se na região do Baixo São Francisco, sendo a segunda comunidade sergipana a ter tido o seu território reconhecido como quilombola. Possui aproximadamente 90% da sua área titulada e entregue pelo INCRA.

As lideranças dividiram, através de linhas pontilhadas de diferentes cores (azul, vermelho, laranja e verde), a comunidade em quatro povoados (Serraria, Crioulo Pontal e Lagoa Seca) e sem marcação ficaram as áreas da Fazenda Viuvinha e da Fazenda Campinhos. O restante (demais fazendas, currais, Companhia de Saneamento de Sergipe-DESO, etc) estava pintado de verde claro para destacar que esses equipamentos sociais se situavam dentro das áreas de preservação ambiental (Figura 08).



**Figura 08:** Cartografia social do quilombo Lagoa dos Campinhos



**Fonte:** Pesquisa, 2021

A Igreja Bom Jesus do Nazaré é palco de uma das procissões terrestres mais representativas do quilombo, acontecendo no mês de dezembro. Nesse evento, além das tradicionais missas e novenas, pôde-se observar apresentações de samba-coco, rodas de capoeira, danças afro e bandas locais.

Os elementos físicos apontados no croqui foram: a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, a Associação do Território Remanescente do Quilombo Pontal dos Crioulos, a Unidade Básica de Saúde "Aloísio Pinheiro" e o conjunto de casas do povoado. Ao passo que, em Serraria os elementos destacados na cartografia foram: a quadra de futebol, a Escola Quilombola Raimundo Martins e o conjunto habitacional. Por fim, em Lagoa Seca, percebeu-se como elementos principais a: Igreja São Pedro, cemitério e uma área de plantação de milho, macaxeira e hortaliças (Figura 08).

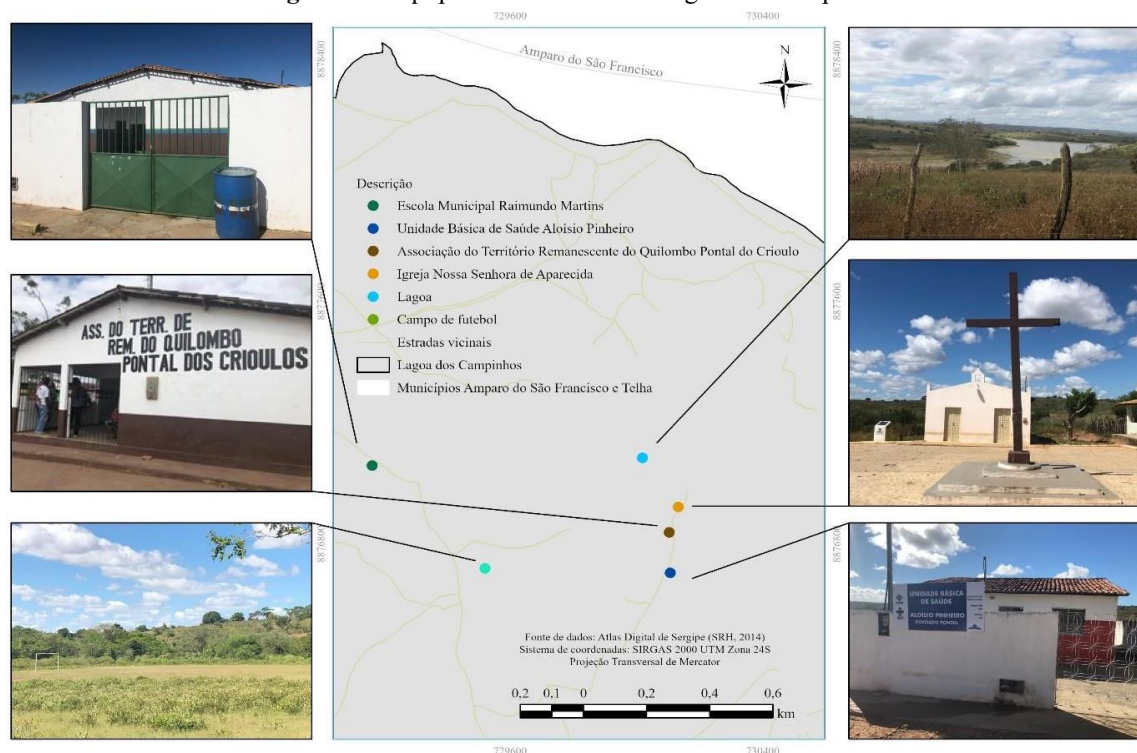
A atual Escola José Raimundo Martins, antigo Colégio Augusto do Prado Franco, teve em 2020 seu nome alterado para prestar uma homenagem a uma liderança local que havia falecido. Esse colégio presta um ensino quilombola, porém tanto ele quanto a creche do Crioulo possuem sensíveis problemas de infraestrutura, a exemplo de salas pouco arejadas, apertadas, ausência de sala de professores, biblioteca, quadra para atividades físicas, cantina pouco estruturada, etc. Na parte pedagógica, apesar de possuir professores preocupados em manter um ensino contextualizado com as matrizes africanas, percebe-se a ausência de docentes em todas as matérias curriculares e insumos

básicos para o planejamento adequado das atividades pedagógicas, tanto é que um dos anseios da comunidade refere-se à construção de uma biblioteca, quadra de vôlei e poliesportiva.

A Educação Quilombola deve respeitar a cultura, especificidade étnico-racial e diversidade, inclusive ofertando formação específica de seu quadro de profissionais, bem como material didático contextualizado com valores e realidade dessas comunidades. Entretanto, na prática docente e no conteúdo dos recursos pedagógicos, há limitada explanação da historiografia da resistência escrava, o que reduz o protagonismo na luta pela valorização desses povos (COSTA; DE ANDRADE; ANDRADE, 2022).

No quilombo existe ainda a Igreja Nossa Senhora Aparecida, onde se celebra a festa em homenagem a esta padroeira, e lá também acontece a tradicional procissão fluvial, precisamente ao redor da Lagoa, onde missas, novenas, danças e muito samba de coco marcam a celebração (Figura 09).

**Figura 09:** Equipamentos sociais de Lagoa dos Campinhos



**Fonte:** Pesquisa, 2021.

As igrejas foram elementos de destaque que demonstram a forte presença do catolicismo na comunidade, tendo em vista que as festas dos padroeiros representam as principais manifestações culturais de Lagoa do Campinho. Além disso, as lideranças mencionaram que não existem templos

evangélicos. No que concernem às religiões de matrizes africanas, existem poucas famílias que se declaram adeptas do candomblé e, por isso, a Casa de Terreiro encontra-se sem funcionar.

Entretanto, o “Terreiro de Caboclo” foi um dos elementos destacados na cartografia. Ao perguntar acerca da razão dessa representatividade, as lideranças disseram que tem muitos ritos dessa religião nas festividades do quilombo e que muitos quilombolas deixaram de se declarar “candomblecistas” porque os antigos fazendeiros proibiam as reuniões nos barracões e havia muita discriminação na comunidade com relação a essas práticas. Nesse sentido, percebe-se nos quilombos a presença do racismo religioso como resquício do período colonial e escravocrata que se manifesta, muitas vezes, nas ações de segmentos do catolicismo e das igrejas neopentecostais que depreciam os costumes e valores afro-brasileiros expressados nas religiões como o candomblé e outras de matrizes africanas (CUSTÓDIO; FOSTER, 2022).

Percebe-se nessa fala que a intolerância religiosa sempre foi uma realidade vivenciada por essas comunidades e mesmo na atualidade, o diálogo religioso, com respeito à diversidade cultural, é um grande desafio a ser abraçado, inclusive pela Igreja. Entretanto, é indiscutível a forte religiosidade do povo afro-brasileiro, que mesmo quando as forças hegemônicas não lhes permitiam espaço, buscavam, sem perda de tempo, ressignificar as expressões religiosas e é isso que encontramos nos quatro quilombos titulados, isto é, um catolicismo repleto de sincretismo. Assim, mesmo nas comunidades majoritariamente de religião católica, percebe-se o uso de práticas de matrizes africanas (emprego de ervas, benzedeiras, dança de coco, apresentações de roda de capoeira) atreladas aos rituais de celebração dos santos e padroeiras.

Pela cartografia de Lagoa do Campinho, pode-se perceber que a comunidade é cortada por várias fazendas: Viuvinha, Jacaré, Olho d’Água, Serraria e Lagoa dos Campinhos e a representação desses equipamentos tem um valor simbólico vinculado à conquista da terra pela comunidade.

Percebe-se que o reconhecimento desse território quilombola foi obtido no âmbito de um contexto de insegurança alimentar e muita violência, e que a passos lentos todos os benefícios sociais destinados a essa comunidade foram frutos de muita organização e mobilização. Ressalta-se que, em meados de 2010, a comunidade sofreu fortes ameaças do latifundiário da Fazenda Viuvinha que, além de agressões verbais, atirou contra a comunidade que tentou ocupar a propriedade e cultivar às margens da lagoa.

Em maio de 2013, o INCRA deu um passo significativo na consolidação deste território quilombola, com a imissão de posse de mais quatro imóveis (sítios da Faveira, Saco da Faveira, Serraria e Serraria I). Seguindo essa tendência, em julho do mesmo ano, mais 38 hectares foram incorporados ao território com a imissão da posse da Fazenda Lagoa do Jacaré, totalizando 16 imóveis

de 810 hectares, incorporados ao território. E assim, sob um clima de violência e tensão, a propriedade do quilombo foi sendo efetivamente constituída. Tanto é que as lideranças apontaram como principais anseios a reforma da sede das Fazendas Viuvinha e Campinhos, já que as mesmas marcam conquistas históricas na reivindicação das terras do quilombo (Quadro 04).

**Quadro 04:** Principais anseios de Lagoa dos Campinhos/SE

<b>ANSEIOS DA COMUNIDADE DE LAGOA DOS CAMPINHOS</b>	
<b>O QUE TEMOS?</b>	<b>O QUE QUEREMOS?</b>
02 Postos de saúde	Pavimentação das estradas
03 Igrejas católicas	Centro cultural e profissionalizantes
02 Escolas	Conscientização e preservação da cultura e costumes quilombolas
01 Campo de futebol	Reforma da sede da associação e da Fazenda Viuvinha
04 Bares	Trilhas ecológicas
01 Curral	Museu no Pontal
Rio São Francisco	Terreiro no Xangó
Lagoa	Galpão para equipamentos agrícolas
Farofa d'água	Estação de bombeamento, irrigação
Tilápia	Biblioteca
Cutumaré	Quadra de vôlei e de futebol
Caboge	Igreja da Serraria
Piaba	

Fonte: Pesquisa, 2019

Outra preocupação evidente refere-se à geração de emprego e renda, uma vez que a comunidade visualiza o turismo de base comunitária como uma potencialidade local, solicitando, por conseguinte, a abertura de trilhas ecológicas sinalizadas por todo o Quilombo; a pavimentação da área, facilitando o acesso para quem entra e sai da comunidade, bem como o tráfego entre os povoados. Demandas, como a construção de uma orla, bares, quiosques e feiras de artesanato também foram feitas, além de ter sido solicitada a instalação de uma quadra de vôlei de praia às margens do Rio São Francisco para lazer e incremento do turismo.

Segundo Souza e Santos (2024), o turismo de base comunitária pode ir além da geração de emprego e renda, pois este tipo de atividade viabiliza o fortalecimento da autonomia das comunidades quilombolas, possibilitando desde o gerenciamento do próprio território até mesmo para a afirmação da identidade, valorização de saberes e modo de vida.

Além disso, assim como nos demais quilombos, o futebol e as rodas de capoeira são atividades esportivas típicas do lugar, sendo a reforma do campo de futebol e a construção de quadras poliesportivas desejos da comunidade.

A cartografia e a fala das lideranças do Quilombo deixam evidentes que as principais reivindicações de Lagoa do Campinhos são respectivamente: emprego, esgotamento sanitário, melhoria na assistência à saúde, reforma das praças, quadras e áreas de lazer, construção do

museu/conservação do patrimônio cultural, melhoria da infraestrutura e qualidade da educação, das estradas, habitação, acesso à água potável e insumos bem como maquinários agrícolas. Essas demandas convergem com a concepção de Qualidade de Vida (QV) associada aos aspectos socioeconômicos como renda, infraestrutura, educação, pois esses são setores essenciais para assegurar a dignidade humana.

Outro aspecto deficitário diz respeito ao saneamento básico, uma vez que não há rede pública de esgotamento sanitário, sendo comum visualizar esgoto a céu aberto, o que faz com que a salubridade ambiental esteja comprometida, aumentando a probabilidade de adoecimento da população, o que constitui uma preocupação significativa.

Percebeu-se ainda a ausência de equipe de saúde da família diariamente na comunidade, carência de insumos, equipamentos e farmácia básica com medicações insuficientes para fornecer uma melhor assistência à saúde da população negra. Por fim, observaram-se laços tênues de diálogo entre a saúde tradicional e os agentes cuidadores locais (rezadeiras, raizeiros, etc.), o que restringe ainda mais a qualidade do cuidado em saúde.

Outra demanda referiu-se à construção de um galpão para armazenamento dos insumos e maquinários agrícolas, bem como a elaboração de normas de gestão desses equipamentos, otimizando a produção agrícolas.

O futebol em Lagoa dos Campinhos é conhecido como de várzea, face ao pequeno tamanho da área e ao fato do espaço onde é praticado ser de chão batido. Essa atividade esportiva é muito comum, sendo as “peladas” um dos momentos de descontração mais corriqueiros na comunidade. Ressalta-se que, em Lagoa dos Campinhos, o campo de futebol situa-se em Serraria e recebe o nome da negra fundadora da comunidade, chamando-se então “Carlotão”. O anseio das lideranças locais é que seja construída uma quadra esportiva e que o campo de futebol seja reformado para que nele aconteça um torneio de futebol envolvendo todos os quilombos sergipanos.

Nos quilombos, os esportes, em especial o futebol, servem como atividades de lazer e estreitamento dos laços afetivos, funcionando como válvulas de escape para as opressões diuturnamente vivenciadas por essas comunidades, além de alimentar o sonho dos jovens em vislumbrar uma possibilidade de protagonismo e ascensão social, posto que as oportunidades oferecidas pelas políticas afirmativas educacionais ainda não possibilitaram a igualdade de acesso a empregos razoáveis quando comparados a outros grupos sociais (SILVA, 2021).



## 5 CONCLUSÃO

A aplicação da cartografia social, nos quilombos selecionados em Sergipe para a realização desta pesquisa, apresentou-se como uma potente estratégia de participação social e reflexão coletiva acerca da múltiplas dimensões e demandas dos territórios das comunidades tituladas deste estado federado.

A realização das atividades ora tratadas juntos aos grupos focais e a construção de mapas colaborativos evidenciou aspectos relevantes das dinâmicas territoriais nos quilombos analisados. A multidimensionalidade dos territórios quilombolas, no estado de Sergipe, foi evidenciada nas potencialidades e demandas apresentadas.

A potência cultural das comunidades, demarcada nos passos e versos do samba de coco e de roda do Mocambo e Lagoa dos Campinhos, ou pelas rezas de Dona Zefa da Guia constituem marcas indeléveis nas territorialidades quilombolas.

Os anseios pela efetivação de direitos sociais básicos, como acesso à saúde e educação de qualidade, saneamento básico, moradia, trabalho e geração de renda, são comuns às quatro comunidades e demonstram a negligência e ineficiência do Poder Público na construção da cidadania dos quilombolas.

A cartografia social deixou, portanto, evidente o anseio e a necessidade de que sejam implementadas políticas afirmativas que garantam dignidade e qualidade de vida, reparando o cenário de exclusão e invisibilidade a que esses povos estão submetidos, desde a colonização do Brasil.

Dito isso, faz-se urgente que o Poder Público fomente o desenvolvimento local com ações construídas conjuntamente com os quilombolas e considerando os seus anseios. Para isto, a cartografia social constitui um instrumento fundamental para a promoção da visibilidade e do protagonismo aos quilombos, a partir da escuta e mecanismos de viabilização das demandas pleiteadas.



## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Cartografia social, terra e território. *R.B. Estudos Urbanos e Regionais*. Rio de Janeiro, v.16, n°01, p.223-227, 2014.
- ALMEIDA, M.R.G; NASCIMENTO, E.F. A Cartografia Social como um instrumento de políticas públicas de um quilombo no nordeste brasileiro. *XI Jornada Internacional de políticas públicas*. São Luís/MA, p.1-13 2023.
- AMORIM, P. M; SILVA, R.A; SATO, M. T. Latas d'água nas cabeças: Percepções sobre a água na comunidade quilombola de Mata Cavalo. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 34, n. 3, p. 130-146, 2017.
- ARAÚJO, F.E. Os trabalhadores da farinhada e a casa de farinha como lugar de memória. *Cadernos do CEOM- Cultura e Sociedade*. Chapecó (SC), v. 30, n. 46, p. 91-100, 2017.
- BICALHO, R; MACEDO, P. C. S.; RODRIGUES, G. G. Desafios na construção do projeto político pedagógico emancipador das escolas quilombolas. *Revista de Educação Popular*, 2024.
- CABRAL, V. D. A Importância do Direito de Propriedade para as Comunidades Quilombolas Rurais no Brasil. *Revista Interscientia*, v. 10, n. 2, p. 4-30, 2023.
- CORREA, M.A. O.S. Comunidades tradicionais quilombolas do Sítio Alto e Mocambo: entre os rituais afro e as práticas pentecostais. *TEAR online*, v. 9, n. 1, p. 19-33, 2020.
- COSTA, P.L.A; DE ANDRADE, L.P; ANDRADE, H.H.L da S. Formação docente e Educação Escolar Quilombola: compreensão através de uma análise da literatura. *Scielo Preprints*, n° 25, 2022.
- COSTA, N. O. da; GORAYEB, A; PAULINO, P. R.O; SALES, L. B; SILVA, E. V da. Cartografia social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas. *ACTA Geográfica, Boa Vista*, Ed. Esp. V CBEAGT, p.73-86, 2016.
- CUSTÓDIO, E. S.; FOSTER, E. L. S. Percepções de professores sobre a questão racial em escola quilombola: narrativas de experiências. Dossiê Religião, discriminação e racismo no espaço escolar. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 16, 1-22. 2022.
- BASTOS, G. J. de O.; DE OLIVEIRA, R, F. Patrimônio cultural do Quilombo do Carmo: demarcando no território a memória a partir da cartografia social. *Scientia*, v. 7, n. 23, 2019.
- DIONISIO, Pamela Marcia Ferreira Alves et al. Os Territórios de Quilombo no Brasil sob a perspectiva da Cartografia Social. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. Ed. Especi, p. 232-255, 2022.
- FEITOSA, F.R.S; CASTILHO, C.J.M de; L; FACCIOLI, G.G; LACERDA, R dos S. Panorama dos Quilombos Sergipanos: condições de vida e vulnerabilidades. *Revista Produção Acadêmica -Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários/ NURBA*, v. 07, n.1, 2021

FIGUEIRA, Érica Oliveira. *Nova Cartografia Social do Quilombo Quingoma-Lauro de Freitas-BA*. Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Especialização em Assistência Técnica. Habitação e Direito à Cidade, Salvador/BA, 2018.

FILHO, K. P.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, n. 38, p. 45–49, 2013.

GOMES, Nathália Pedrozo. *Oralidades das Iyalodês na luta pela produção do espaço urbano quilombola em Porto Alegre*. 2024.

GOMES, W.da S; GURGEL, I.G.D; FERNANDES, S.L. Determinação Social da Saúde numa Comunidade Quilombola: análise com a matriz de processos críticos. *Revista Serviço Social & Sociedade*, n°. 143, p. 140–161, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. *Comunidades Quilombolas*, 2020. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

MACIEL, E. D. S; SILVA, B. K. R; SCHOTT, E; KATO, H. D. A; ADAMI, F; QUARESMA, F; FIGUEIREDO, F. D. S. Insegurança alimentar em comunidades quilombolas: um estudo transversal. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, SP, v. 28, n. 00, p. e021017, 2021.

MARQUES, A. C. N. Dialogando sobre cartografia social e identidade em territórios tradicionais indígenas e quilombolas. *Identidade*. São Leopoldo/RS, v. 24, n. 2, p. 101-119, 2019.

MINAYO, M.C.S.; HATZ, Z.M.A.; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: ABRASCO, v.5, n.1, p.7-18, 2006.

PIRES, C. L. Z; BITENCOURT, L. M; DUQUE, L. Z. R. Cartografia social e quilombola em Porto Alegre/RS-Brasil. *Políticas Y líneas de acción*. Porto Alegre/RS, v.01, p.01-11, 2022.

RODRIGUES, L da C; NEVES, S.M.A da S. Implicações das práticas agrícolas tradicionais na conservação da paisagem do território quilombola no município de BarradoTurvo, São Paulo. *Cadernos de Agroecologia*. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, v.19, n.1, 2024

SANTOS, M.C.C. *O Cotidiano Escolar da EMMGR–Serra da Guia, Poço Redondo/Sergipe Comunidade Quilombola*. Dissertação de mestrado da Universidade Tiradentes. Orientação [de] Drª Ada Augusta Celestino Bezerra. Aracaju,, 2014.

SANTOS, A. H. dos. A justiça ambiental e os novos direitos constitucionais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais*. São Paulo, v.20, n.3, p.10-25, set, 2018.

SERGIPE, 2011a. *Comunidade Quilombola de Serra da Guia*. Coleção Terras do quilombo. Disponível em: [https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/serra\\_da\\_guia.pdf](https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/serra_da_guia.pdf)

SERGIPE, 2011b. *Comunidade Quilombola Pirangi*. Coleção Terras do quilombo <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/pirangi.pdf>

SANTOS, L.M; NEVES, S.L.S; DAYRELL, C. A. Comunidade Remanescente de Quilombo: modos de produção e reprodução na luta pelo território. *Revista Desenvolvimento Social*. Unimomontes – MG, v. 25, n. 1, p.139-154, 2019.

SILVA, R.F.R Análise da Organização Social através dos Quilombos e Favelas na Perspectiva da Obra Becos de Memória da Conceição Evaristo e sua relação com o futebol. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7.n.8. 2021.

SOUZA, V. F.; SANTOS, C. D. Turismo comunitário, territorialidades e resistências: o caso do território quilombola do Cumbe (Aracati-Ceará-Brasil). *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 22, n. 4, p. 675-689, 2024.

VERDEJO, M. E. *Diagnóstico Rural Participativo*. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.

VELARDE-JURADO, E; AVILA-FIGUEROA, C. Consideraciones metodológicas para evaluar la calidad de vida. *Salud Pública de México*, México, v. 44, n. 5, p. 448-63, 2002.